

Existir, resistir

Exist, resist

Carla Pereira

A palavra resistência pode assumir muitos significados. Tem uma acepção negativa, de reação (resistir contra), mas, ao mesmo tempo, possui a potência afirmativa de uma ação que aponta para o futuro (ROQUE, 2002). A ideia de resistência também pode se confundir com a própria ideia de existência, já que “a existência é permeada por resistências ativas” (GUIMARAENS; ROCHA, 2014, p. 198). Assim, para além da mera reação a ameaças externas, a resistência é uma potência produtiva e criativa que produz a própria existência; em outras palavras, “existir é resistir” (STERN, 2008).

Há exatos sete anos, a Unidade Acadêmica de Design da Universidade Federal de Campina Grande reuniu um pequeno grupo de professores e pesquisadores – com atuação em design e áreas conexas – para promover a formação de pessoas, a produção e a difusão de conhecimento. Assim, em junho de 2014, foram iniciadas as atividades da primeira turma de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Design da UFCG. A partir de duas linhas de pesquisa – ‘Informação, comunicação e cultura’ e ‘Ergonomia, ambiente e processos’ – ao longo desse período, o PPG Design produziu 44 dissertações e um número crescente de publicações em livros, periódicos e anais de eventos científicos nacionais e internacionais. Dando sequência a esse processo de consolidação do Programa, iniciamos o projeto de criação e implantação deste periódico.

O lançamento desta revista acontece em meio a uma pandemia global e a uma grave crise de saúde pública que já vitimou mais de meio milhão de brasileiros. Nesse contexto, as atividades acadêmicas e de pesquisa precisaram ser adaptadas às limitações de mobilidade e contato social, e estão sendo impactadas pelas dificuldades do presente e pelas incertezas em relação ao futuro. Ao mesmo tempo, na atual conjuntura, ações de projeto, planejamento e pesquisa tornam-se essenciais à solução de problemas, não apenas no design, mas em todas as áreas.

Num momento em que o país vive também uma crise social, política e econômica de amplas proporções, em que as instituições públicas de ensino e pesquisa são profundamente afetadas em sua capacidade de produção e ameaçadas em sua existência, entendemos que a continuidade da pesquisa no Brasil se faz fundamental e se torna também uma forma de resistência. É nesse sentido que iniciamos este texto com a proposição “existir é resistir”. A realização deste projeto, materializado com a publicação deste primeiro número da *Design em Questão* é, para nós, motivo de alegria e esperança.

Propondo uma abordagem multidisciplinar, nossa política editorial contempla estudos voltados tanto a questões regionais quanto universais, oriundos de diversas áreas do design. Nesta primeira edição, são apresentados trabalhos desenvolvidos principalmente no Mestrado em Design da UFCG, mas contamos também com colaboradores da Universidade Federal do Cariri, Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN e Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS. Os temas abordados incluem design

vernacular, design estratégico, cores no design da informação, design e saúde, design de moda e avaliação de produtos digitais.

Iniciamos este número com a ideia de resistência que permeia a abordagem do design vernacular paraibano feita por Walísson Santos e Itamar Silva, da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG. O artigo intitulado *O processo produtivo das louças de barro na comunidade quilombola do Grilo – PB: os saberes imateriais do design vernacular* inspirou a capa desta primeira edição. Com base em conceitos da Etnografia e utilizando a estratégia de observação participante, o estudo apresenta um registro das técnicas utilizadas na concepção desses artefatos. Os autores apontam o futuro incerto dessa produção artesanal, na qual se reproduzem saberes imateriais repassados a partir de uma estrutura histórico-familiar sustentada pelas mulheres quilombolas.

No segundo artigo, Debora Barauna, da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, apresenta uma abordagem teórico-metodológica para orientar pesquisadores na sistematização de conhecimentos que transitam no meio técnico, especificamente processos de aprendizagem e de design praticados em eventos de inovação. No artigo *Ecosistemas de inovação como ambientes de aprendizagem e cultura de design: uma proposição de reflexão pelo Design Estratégico*, a autora realiza uma revisão narrativa da literatura para apoiar a teorização sobre o futuro de eventos de inovação aberta, destacando a região sul do país.

Em seguida, a cor no design da informação é discutida por Hanna Menezes, da Universidade Federal do Cariri – UFCA e Carla Pereira, da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG. As autoras apresentam uma análise quantitativa e qualitativa das funções que a cor desempenha no design de um conjunto de infográficos jornalísticos, publicados em revistas circulação nacional. No estudo – intitulado *Análise das funções perceptivas, indicativas e representativas da cor em infográficos jornalísticos* – são apontadas características da cor que podem contribuir para enfatizar e organizar os dados visuais; e são identificados usos inadequados capazes de dificultar a compreensão da informação.

No quarto artigo, Thiego Brandão e Juscelino Maribondo, da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, trazem uma contribuição do design à área de saúde, criticando os atuais modelos de jaleco; os quais, segundo os pesquisadores, ao mesmo tempo em que funcionam como proteção, tornam-se vetores de contaminação. Os autores defendem que este produto, categorizado como vestuário, seja pensado e normatizado nos moldes de um Equipamento de Proteção Individual (EPI). Em *Design e saúde: identificação das necessidades de projeto para a elaboração de um novo jaleco* são apresentados a estratégia e os requisitos para nortear projetos futuros, visando à segurança dos envolvidos no atendimento à saúde.

Na sequência, Ítalo Dantas e Camila Silva, da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, discutem a leitura de mensagens visuais no design de moda. No artigo *Interpretação da mensagem visual de uma coleção de vestuário e seu painel semântico por potenciais consumidores* é relatado um estudo comparativo, realizado com dois grupos de participantes, provocados a interpretar a mensagem pretendida de uma coleção de vestuário premiada. Utilizando-se os métodos de diferencial semântico e a associação livre de palavras, são confrontados os significados sugeridos pelos elementos estético-simbólicos contidos no painel semântico usado no processo de criação e aqueles materializados na configuração dos produtos finais.

No artigo que encerra esta edição, *Ferramenta para avaliação das dimensões afetiva e comunicacional em componentes de produtos digitais*, Bruno Castro e Wellington Medeiros, ambos da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, e José Guilherme Santa Rosa, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, tratam de métodos de análise de artefatos digitais. Os autores propõem uma ferramenta para avaliação das respostas de usuários aos componentes da interface gráfica de aplicativos, buscando uma aproximação entre as análises afetiva e comunicacional dos produtos.

Por fim, gostaríamos de agradecer aos autores, aos avaliadores, à nossa equipe editorial e a todos que contribuíram para tornar possível esta publicação. E, a despeito das incertezas, reafirmamos nosso compromisso de trabalhar para que a *Design em Questão* se torne um veículo regular de divulgação de conhecimento.

Tenham uma boa leitura!

Carla Pereira

Referências

GUIMARAENS, F. de; ROCHA, M. Spinoza e o direito de resistência. **Seqüência**, n. 69, p. 183-213, dez. 2014.

ROQUE, T. Resistir a quê? Ou melhor, resistir o quê? **Lugar Comum: Estudos de Mídia, Cultura e Democracia**, v. 17, p. 23-32, set-abr. 2002.

STERN, A. L. S. **Resistir é obedecer?** Resistência e obediência política na filosofia de Baruch Spinoza. 2008. Dissertação (Mestrado em Direito) – PUC Rio, Rio de Janeiro. 2008.